

## A IMPRENSA NEGRA COMO POSSIBILIDADE ESTRATÉGICA DE TRABALHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA NO ESPAÇO ESCOLAR

### THE BLACK PRESS AS A STRATEGIC POSSIBILITY OF WORK FOR THE READING TRAINING IN SCHOOL SPACE

Andréa Larisse Castro Moura<sup>1</sup>  
Sheila Lopes Maués Autiello<sup>2</sup>

**Resumo:** A escola representa muitas vezes a única oportunidade do jovem leitor estar em contato com os textos e, por conseguinte, com os debates sociais mais relevantes. É imperioso propiciar experiências de leitura que contribuam para sua formação intelectual garantindo de forma correlata o desenvolvimento da consciência política e histórica da diversidade, o fortalecimento das identidades e a noção de direito. O presente artigo tem por objetivo discutir a utilização do jornal em ambiente escolar, como atividade permanente, sobretudo no nível fundamental II de ensino, como ferramenta pedagógica para a formação de leitores e para a educação das diversidades étnico-raciais, com vistas a adensar as ações de combate ao racismo e à discriminação, em conjunto com o projeto político pedagógico, como estabelece as leis 10.639/03 e 11.645/08. Para alcançar tal objetivo, propõe-se o estudo de investigação em jornais locais e nacionais como: O Diário do Pará, O Liberal, O Estadão e O Globo quanto a reportagens que se referem a diversidade etnicorracial em comparação aos jornais da época conhecida como *Imprensa Negra*<sup>3</sup>, dentre eles: *A Liberdade* (1919-1920), *O Clarim d'Alvorada* (1929-1940), *Chibata* (1932) e *Alvorada* (1948). Destarte, a utilização do jornal na escola poderá contribuir para transformar a experiência de leitura em uma experiência de (re) conhecimento histórico-identitário e de (re) significação das representações sociais brasileiras.

**Palavras-chave:** *imprensa negra*; leitura; gêneros textuais; diversidades étnico-raciais; educação.

**Abstract:** The school is often the only opportunity for the young reader to be in touch with the texts and, therefore, with the most relevant social debates. It is imperative to provide reading experiences that contribute to their intellectual formation by ensuring the development of a political and historical awareness of diversity, the strengthening of identities and the concept of law. The purpose of this article is to discuss the use of the newspaper in a school environment, as a permanent activity, especially at the fundamental level of education, as a pedagogical tool for the formation of readers and for the education of ethno-racial diversities, with a view to furthering the actions of combating racism and discrimination,

---

<sup>1</sup> Especialista em Formação do Professor nas relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: andrealarisse.moura@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: sheilamaues@gmail.com

<sup>3</sup> A *Imprensa Negra* consistiu de jornais publicados em São Paulo, no período pós-abolicionista, no final do século XIX.

together with the political pedagogical project, as established by laws 10.639 / 03 and 11.645 / 08. In order to achieve this objective, it is proposed to study research in local and national newspapers such as: The Diário do Pará, O Liberal, O Estadão and O Globo for reports that refer to ethnic-racial diversity in comparison to newspapers of the period known as the Press Black, among them: The Freedom (1919-1920), Clarim d'Alvorada (1929-1940), Chibata (1932) and Dawn (1948). Finishing, the use of the newspaper in the school can contribute to transforming the reading experience into an experience of (re) historical-identity knowledge and (re) signification of Brazilian social representations.

**Keywords:** black press; reading; textual genres; ethnic-racial diversity; education.

## Introdução

O uso de jornais e da mídia em geral na educação, embora pareça fato recente, já ocorre desde a década de 1930 com algumas iniciativas pedagógicas registradas em pesquisas sobre o tema. Segundo Pavani (2007), em 1932, o jornal *New York Times*, nos EUA criou um programa pioneiro para uso de jornais na escola. No Brasil na mesma época pode-se citar o educador Anísio Teixeira<sup>4</sup>, dentro do movimento, Escola Nova, acreditava que usar a mídia impressa na sala de aula podia trazer diversos benefícios aos alunos.

Ainda dentro dessa perspectiva, afirma-se que a leitura do jornal consegue transformar a visão crítica dos alunos perante as notícias, ampliando a capacidade de compreensão do conteúdo escrito, bem como o desenvolvimento do raciocínio crítico, além de descobrir outras visões de mundo, na construção de significados, de identidades sociais e diversidades etnicorraciais.

Nas formulações de Wilma Baía Coelho, em: *Educação, história e problemas: Cor e preconceito em discussão* (2012), a imprensa (jornal) possui dimensões outras, que não a do significado aparente, pois se trata de algo mais complexo “uma instituição polifônica, a qual reúne um conjunto de vozes, manifestas nos diversos articulistas e agentes retratados nas reportagens e artigos publicados”, sendo ainda uma “instância política” que possui agenda e “posicionamento sobre a sociedade e os eventos que aborda”, e, por fim, constituindo-se como uma agenciadora de visões específicas de mundo, expressas nos diversos gêneros textuais, inclusive naqueles que se pretendem neutros.

---

<sup>4</sup> Anísio Teixeira teve como base para sua proposta de educação o escolanovismo ou Escola Nova, surgido em fins do século XIX, na Europa e no EUA. Este movimento teve como base a oposição aos métodos tradicionais de ensino em prol do movimento educacional renovador.

Desse modo, chegamos à discussão das representações e, como sustentação teórico-conceitual desse debate, evocamos o conceito de representação do francês Roger Chartier (1990, p.17), que “Identifica o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” percebendo as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Trata-se de deliberações e formulações de determinados grupos sociais que, no entanto, não são percebidas em sua integridade, mas apenas como representações em si. Portanto, desmorona-se a noção de história como tradução da realidade, pois seria impossível de apreender a realidade em sua totalidade, já que há apenas representações distintas dos fatos.

Com base nessa discussão poderíamos conceber o trabalho com o jornal, em âmbito escolar, como uma oportunidade de estabelecer um fazer pedagógico multidisciplinar que pudesse proporcionar uma experiência de leitura das muitas representações etnicorraciais da sociedade brasileira. O trabalho de conhecimento da linguagem do jornalístico e de seus diversos gêneros textuais, de sua estrutura e de suas representações discursivas, poder-se-ia constituir instrumento valioso e eficaz no fomento à leitura e à transformação da visão de mundo dos alunos envolvidos no processo.

Muniz Sodré, descreve em *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil* (1999, p.243), que “A mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, (...) que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele”, então porque não se utilizar desse meio de comunicação para buscar representações positivas da diversidade etnicorracial no meio jornalístico, como uma forma de incentivo para a quebra de estereótipos presentes na memória coletiva da sociedade.

Embora estejamos no século XXI, acontece constantemente diversos tipos de exclusões sociais, Sodré afirma que “a cor da pele ainda é um critério imediato da percepção; e o racismo, um suposto saber imediato sobre o outro, por sua vez oposto imaginariamente a um fetiche de homogeneidade construído pela também suposta comunidade étniconacional” (SODRÉ, 1992, p. 119), o que reitera a necessidade constante de se trabalhar em sala de aula as diversidades etnicorraciais, desfazendo através dessa mídia a rejeição tradicional do afro descendente como o “inferior”, o subalterno. Por tais razões, este recurso pedagógico torna-se uma forte ferramenta capaz de desenvolver atividades contextualizadas estimuladoras na formação do cidadão crítico, justamente por propor que o aluno participe ativamente na

atividade. Pontual (1999) acredita que ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo e, por conseguinte, torna-se mais consciente do seu papel no mundo.

Do ponto de vista histórico, conforme registra Adair (1995), “ainda nos EUA, já em 1932, surge no *New York Times* um programa de jornal para a educação: O *News Paper in Education Program*<sup>5</sup>, reconhecido como marco na história dessas iniciativas, através da distribuição sistemática de suas edições nas escolas”. Ainda no que respeita às pesquisas de Adair (1995) em 1896, na França *O Jornal escolar* foi iniciado pelo Educador Célestin Freinet<sup>6</sup> que desenvolveu um método interessante baseado ou na experiência de vida e que concentrava a vivência da aprendizagem por parte das crianças. Em 1924, Freinet agregou a técnica da impressão (tipografia) na sua prática docente, com seus alunos produzindo e imprimindo seus próprios textos. O intuito desse jornal era mostrar que o aluno pensa e articula em seu mundo, adquirindo uma consciência crítica e autônoma, estimulando não só as crianças, mas os jovens e os adultos que também participaram ao longo dessa jornada, a decodificar na prática o funcionamento da comunicação.

Segundo Pavani (2002), no Brasil, *O Correio Popular*, na cidade de Campinas (SP) foi o pioneiro neste caminho que hoje é povoado por um número cada vez maior de contribuições. Era um projeto de incentivo ao uso do jornal na escola, em que disponibilizavam jornais para docentes com a finalidade de que utilizassem em sala de aula, todos os custos eram mantidos por uma empresa jornalística de São Paulo.

O presente artigo pretende discutir a utilização do jornal em ambiente escolar, como atividade permanente, sobretudo no nível fundamental de ensino, como ferramenta pedagógica para a formação de leitores e para a educação das diversidades etnicorraciais, com vistas a adensar as ações de combate ao racismo e à discriminação, em conjunto com o projeto político pedagógico, como estabelecem as leis 10.639/03 e 11.645/08. Para alcançar tal objetivo propõe-se o estudo de investigação em jornais locais e nacionais como: *O Diário do Pará*, *O Liberal*, *O Estadão* e *O Globo* quanto a reportagens que se referem a diversidade etnicorracial em comparação aos jornais da época conhecida como *Imprensa Negra*, dentre

---

<sup>5</sup> Foi um programa que permitia discussão não somente com alunos e professores, mas também com pais. Essa proposta considerava que a notícia era um texto com múltiplas possibilidades de uso em sala de aula, uma vez que poderia ser usada para ensinar uma variedade de assuntos, porém sem possibilidades interdisciplinares.

<sup>6</sup> Célestin Freinet (1896-1966), crítico da escola tradicional e das escolas novas, foi criador, na França, do movimento da escola moderna.

eles: *A Liberdade* (1919-1920), *O Clarim d'Alvorada* (1929-1940), *Chibata* (1932), *Alvorada* (1948). Destarte, a utilização do jornal na escola poderá contribuir para transformar a experiência de leitura em uma experiência de (re) conhecimento histórico-identitário e de (re) significação das representações sociais brasileiras.

### **Entendendo um pouco mais sobre a atividade pedagógica**

O objetivo principal desta atividade pedagógica é fomentar à leitura e a análise crítica de textos jornalísticos no ensino fundamental II, tendo em vista as questões etnicorraciais, a ser desenvolvida de forma ampla, buscando informações da diversidade etnicorracial em todos os seguimentos dessa mídia (políticas, intelectuais, esportivas, artísticas e literárias). Tal objetivo consubstancia-se nos seguintes objetivos específicos: Discutir por meio da leitura de jornais contemporâneos e antigos as noções de racismo e preconceito; apresentar representações positivas do negro nas diversas áreas apresentadas no jornal; identificar e reconhecer a importância das fortes contribuições intelectuais, artísticas, literários e esportivos do negro para a formação da cultura brasileira.

Para que essa atividade fosse criada e desenvolvida, foi realizada uma pesquisa do Tipo Bibliográfica, baseando-se em um estudo sobre o suporte jornal e sua criação com a finalidade de ampliar o conhecimento histórico e político do negro dentro da sociedade, já que segundo Minayo (1982) o jornal é capaz de fazer essa incorporação da questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais. Uma vez que este trabalho é de suma importância para entender as concepções que o referido autor citado anteriormente, define acerca de estimular o incentivo à capacidade argumentativa e crítica do aluno perante as notícias. A metodologia proposta serve para incentivar uma reflexão e discussão de assuntos de interesse deste público que se estimulado, evoluirá altamente seu pensamento crítico. Dinamizar o conteúdo fará com que os alunos se mostrem mais interessados na busca pelo saber.

### **Gêneros textuais: intensificadores do senso crítico**

Para começar a falar do jornal escolar é necessário primeiramente conceituar de forma geral o que é um gênero. Segundo Marcuschi,

Os gêneros devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para

manter sua identidade funcional com inovação organizacional. (MARCHUSCHI, 2006, p. 25)

Em que considera os gêneros textuais presentes em textos materializados, que circulam dentro dos discursos, uma espécie de sequência implícita aos textos postos em circulação nas práticas sociais com referência a Bakhtin (1997).

Embora esses PCNs de Língua Portuguesa (1997) coloquem os gêneros da imprensa como um dos principais conteúdos dos currículos escolares sabe-se muito pouco sobre quais são e como são esses gêneros. Para exemplificar o conceito de gêneros textuais citam-se: telefonema, carta comercial, reportagem jornalística, aula expositiva, notícias, horóscopo, piada, conversação espontânea, e-mail, bate-papo por computador e assim por diante. Entretanto na hora de utilizar esses gêneros na prática, dentro da escola, quase sempre são apenas praticados na aula de redação, como simples produção textual, como afirma Bagno em sua publicação:

No tocante à produção textual escrita, as escolas brasileiras, em sua maioria, até hoje se restringem à prática da “redação”, gênero textual que só existe na escola, não tendo, portanto, nenhuma função sociocomunicativa relevante para a vida presente e futura do aprendiz. (BAGNO, 2002, p. 56)

De acordo com os autores pesquisados, percebemos que o trabalho com os diversos gêneros textuais pode trazer subsídios para enriquecer o aprendizado em sala de aula, reconstruindo novos olhares e novos pensamentos já voltados a uma nova análise crítica em relação ao racismo e preconceito, frente às informações recebidas. Lopes (1989, p. 12), sob o ponto de vista pedagógico, diz que: “O jornal-laboratório deve ultrapassar a noção de ensaio experimental para se tornar uma iniciativa factível de serviço comunitário, prestando informação ou veiculando opiniões úteis para o comportamento do público leitor”. Podemos compreender, de acordo com as ideias acima mencionadas, que através deste recurso pedagógico, é possível estimular a leitura e a busca de novos conceitos quanto a formação e a diversidade etnicorracial do País, para que o educando construa novas concepções dentro e fora da sala de aula.

Ao considerarmos a sala de aula como um local de comunicação, entendemos que tanto a leitura quanto a produção de textos são atividades indispensáveis em sua rotina. Segundo Herr (2001), **ler** é a possibilidade de estabelecer relações, seja com modos de pensar, personagens ou informações, de tal forma que seja possível compreendê-las. Então, **produzir** é a transmissão de informações para repartir com um público vasto ou restrito, impressões e

ideias. Ou seja, **ler** e **Produzir** são atos de comunicação, mas nem todos os alunos terão o desejo espontâneo de estabelecer essas relações.

Com base na teoria de Bakhtin, a escola deve trabalhar mais efetivamente com os gêneros do discurso, ora de forma explícita, ora não, fazendo a educação ser uma transmissora de conhecimento e consciência das verdadeiras necessidades de mudança na sociedade, de forma mais ou menos descontraída, mais ou menos burocratizada ou estereotipada como é refletido na posição Bakhtiniana (1997): Para entender um gênero específico em relação ao jornal (como suporte) é necessário se ter uma noção de quais são os demais gêneros possíveis a serem tomados como base das atividades de ensino-aprendizagem.

Bakhtin (1997) cita dentro de seus conceitos que a linguagem permeia toda a vida social, exercendo um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. Dentro dessa linguagem temos o gênero que é uma extensão da descendência de tipos de textos para a criação de pesquisas contendo certas características em comum, servindo de classificação para a reunião de textos. Para o autor, os gêneros do discurso, são uma espécie de flexibilidade ou instabilidade equivalente àquela prevista em documentos oficiais anteriores para o próprio funcionamento da linguagem. Essa denominação ‘**gêneros textuais**’ não é consensual e poderia ser também ‘**gêneros discursivos**’ ou ‘**gêneros do discurso**’, como prefere chamar.

Para Marcuschi (2002), os gêneros se configuram em formas (escritas ou orais) que são historicamente situadas. Desse modo, o trabalho com esses textos em sala de aula parece mais significativo, visto que não são simplesmente tipificações textuais sem nenhum valor.

Ainda dentro do pensamento de Marcuschi (2002), os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam algumas propriedades funcionais e organizacionais, características realizadas. Ou seja, o reconhecimento da função e do processo de organização de tais estruturas é essencial para uma efetiva produção textual por parte do aluno. Em aulas tradicionais, o foco das produções parece ser justamente a avaliação de aspectos pontuais da gramática, enquanto que o estudo do gênero textual é ignorado.

O Kleiman & Cavalcanti definem o uso dos gêneros textuais em sala de aula como:

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos com o professor, cada um segundo sua capacidade [...]. (KLEIMAN e CAVALCANTI, 2007, p. 16)

Isso significa que, seja qual for o objetivo do projeto, ele necessariamente será analisado e avaliado pelo professor conforme o seu potencial para mobilizar conhecimentos e recursos de uso da língua escrita.

Kleiman & Cavalcanti (2007) ainda defendem que a escola e os educadores devem trabalhar esse tipo de discurso midiático, para que os alunos tenham acesso a diversos tipos de leitura e assim consigam compreender o discurso de forma sintetizada. Para isso o caminho mais direto é o engajamento na atividade de linguagens significativas de natureza midiática (por exemplo, a produção de gêneros) para refletir e entender a construção desse discurso a partir de seus bastidores até a produção efetiva de uma notícia do jornal.

O trabalho com este suporte chamado jornal, permite o contato com a língua de forma viva e atual. O texto jornalístico é uma fonte que evidencia aspectos da realidade e recria o mundo conforme seu ponto de vista. Podemos perceber que em sua estrutura composicional, destaca-se: **Quem?, Quê?, Onde?, Como, Quando?** e **Por quê**. A escola deve usufruir dessas características para promover debates, pesquisas e, conseqüentemente, aprendizados, proporcionando uma nova compreensão da realidade.

Faria (2003, p.11) aponta que “(...) levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. (...) Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo”. Dessa forma, os jornais se tornam boas alternativas para a ligação entre a escola e o dia a dia de alunos. A referida autora ainda centra sua preocupação principalmente na afirmação de que levar o jornal para a sala de aula é “Trazer o mundo para dentro da escola” (2003). Mas é preciso examinar com cuidado essa questão, uma vez que ao usar o jornal, o professor trabalha com a linguagem e, portanto, como um recorte da realidade ou mundo. Os maiores objetivos da produção do jornal em sala de aula, segundo a própria autora são: Educativo (contribuir para aperfeiçoar a educação) e social (permitir o acesso do aluno ao projeto Jornal desde sua base teórica a construção propriamente dita).

Celestín Freinet (1977), afirma em suas pesquisas que existem vantagens de se trabalhar o jornal impresso como primeiramente a aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita das palavras, dando um sentido permanente da construção de frases corretas e ensinando o sentido de responsabilidade pessoal e coletiva.

Erbolato (1991) assinala que o jornal impresso veio contribuir com a sociedade à medida que pode fornecer educação, cultura e informação durante anos, pela permanência e sobrevivências das páginas impressas de jornais e revistas. Explorar este universo implica



desvendar e compreender a **Arquitetura informal** do jornal, ou seja, é identificar o papel de cada recurso que pode ser usado para a comunicação: Fotos, legendas, tabelas, manchetes etc., como elementos complementares e facilitadores além do processo de escrita e leitura, a formação de novos pensamentos e valores, como exemplo a conscientização de leis que asseguram os direitos iguais a todos os cidadãos independentes de cor, raça ou religião.

O jornal é um meio de comunicação de grande prestígio social que dissemina ideias e constrói significados. Pela diversidade dos seus textos, apresenta uma ampla variedade de gêneros discursivos que podem ser estudados na escola como forma de contribuir para a formação leitora do aluno, proporcionar a leitura de seu conteúdo é uma maneira de colocar os alunos em um debate mais amplo sobre ética, cidadania e valores. Conforme, Freire (1987) comenta sobre a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Ainda dentro deste pensamento, Paulo Freire nos adverte para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal, o **saber-fazer** da autorreflexão crítica o **saber-ser** da sabedoria exercitada, permanentemente, podem nos ajudar a fazer necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização.

Esse processo educativo iniciado na escola pode estender-se para outras esferas da vida do aluno, pois no entendimento de Ferrés (1996): A reflexão crítica surgirá espontaneamente quando assistirem a imagens semelhantes fora da sala de aula, o que determina por estabelecer uma ponte entre a escola e os jornais, contribuindo a primeira para essa reflexão crítica e a segunda para um ensino mais significativo, já que o aprendizado quando se prolonga para fora da escola, transforma emoções em reflexões e o prazer em uma oportunidade a mais para uma análise crítica. Sobre esse assunto, Pavani ressalta:

O objetivo geral da proposta não era outro senão o de levar os jovens não apenas a ler e a escrever, mas a buscar no jornal soluções e estímulos para a construção de apenas a ler um pensamento crítico, capacitando-os a encontrar soluções para os problemas que enfrentam. (PAVANI, 2002, p. 32)

Tendo a preocupação da formação do leitor para compreender a estrutura social mostrada diariamente nas páginas dos periódicos. Ferrés (1996) complementa o discurso de Pavani quando cita ainda: Espera-se que esses estudantes sejam capazes de manter uma relação mais aprofundada com os meios de comunicação, deixando de lado um perfil passivo e conformado e exercendo uma postura questionadora, crítica e criteriosa.

## A imprensa negra: história e importância pedagógica

Surgida no final do século XIX, a *Imprensa Negra*, como ficou conhecida, foi uma iniciativa da comunidade negra paulista, do período pós-abolicionista. Trata-se de um conjunto de periódicos produzido por intelectuais negros que intencionavam mudar sua representação, por meio de uma produção jornalística própria:

A iniciativa de homens e mulheres de ampliarem sua voz, a partir de imprensa própria, sinaliza para o desejo dessas lideranças negras de organizarem sua comunidade e divulgarem para a sociedade mais ampla as suas perspectivas e projetos em prol do grupo. Para isso, definiram datas, fatos e personagens de renome, a exemplo de Zumbi, José do Patrocínio, Luiz Gama, cuja importância e trajetórias seriam capazes de funcionar como parâmetros e modelos a serem seguidos, no difícil caminho de sua inserção na sociedade brasileira. (SILVA, 2008, p.32).

Tais documentos constituíram publicações relativamente simples, mas que tiveram importância na luta contra o racismo, pois ajudavam a construir uma positividade em relação ao lugar do negro na sociedade paulista e brasileira da época:

Esses periódicos eram publicações simples, de poucas páginas, embora estruturados no formato de seções. Muitos deles utilizaram fotografias, ilustrações e anúncios. Estes últimos visavam à continuidade do jornal. Sua principal característica era divulgar acontecimentos da vida social e política da comunidade negra, nas suas diversas formas de expressão, manifestas no lazer, nas artes, nos esportes, nas festas, nas comemorações cívicas atinentes ao grupo, no dia-a-dia (aniversários, casamentos e mortes) e nos carnavais. (SILVA, 2008, p.42-43).

Rogério Christofolletti, em seu artigo *O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais*, aponta os resultados da pesquisa desenvolvida por Golzio *et all* (2006), que investigou 58 reportagens de capa da revista *Veja* no período de 1968 a 2003:

A imagem que se projeta a partir desta constância é a de que os afrodescendentes tenham mais pendor ou aptidão para estas duas áreas de atuação profissional. Outro aspecto que comprova tal fato advém do pós-escravismo, visto que, depois da Abolição, os negros foram entregues à condição de mão-de-obra assalariada degradante, sistema não muito diferente da sociedade colonial. Nesse novo processo, o modelo escravista continuou de maneira implícita, estereotipada e discriminatória. (GOLZIO *et all* apud Christofolletti, 2007, p.12).

Os dados levantados apontam para o reforço da ideia estereotipada de que o negro só se destaca como esportista ou músico. De um modo geral, essas e outras pesquisas revelam que o espaço do jornal pouco tem contribuído para a uma democracia midiática entendida aqui como ambiente constituído na esfera da opinião pública, “que contemple a diversidade étnica, religiosa, ideológica e cultural; um ambiente que favoreça o contraditório,

que estimule a pluralidade e que não fabrique o consenso a todo custo” (CHRISTOFOLETTI, 2007, p.11).

A ausência do negro ou as representações estereotipadas reforçam o apagamento de negros e mestiços das páginas do jornal. Isso precisa ser questionado pelos educadores, no trabalho pedagógico com os jornais, afinal, o jornal é uma grande vitrine onde figuram as personagens sociais.

Desta forma, ao estampar em suas fotos uma quantidade menor do que à proporção que os negros ocupam na população catarinense e ao relegar a esses contingentes certos guetos jornalísticos, a imprensa contribui para intensificar a discriminação e o racismo, na medida em que estreita o espaço de participação desses contingentes. (CHRISTOFOLETTI, 2007, p.12).

Desse modo, salientar as publicações da *Imprensa Negra* neste estudo, tornam-se um instrumento pedagógico valioso e eficaz, pois reforçam a presença positiva do negro na sociedade, recriando o movimento da identidade negra no império da imprensa branca. Nesse período, havia um grande espaço para as produções literárias, humoristas, críticas e denúncia de racismo, diferente dos jornais atuais que diversas vezes inferiorizam a presença do negro diante de um branco.

De acordo com a pesquisadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zélia Lopes da Silva<sup>7</sup>, os jornais editados por negros paulistas sucedem-se até 1963, quando é fechado *O Correio d'Ébano*. Mesmo que de forma descontínua essas publicações sustentavam um espaço de informação e troca de ideias que diziam respeito à consciência étnica e aos problemas e realizações da comunidade negra de produtores e leitores dos jornais. Informa-nos ainda, o percurso de publicação dos periódicos:

O primeiro periódico, *Baluarte* (1903), surgiu no início da República. Somente em 1915 apareceu *O Menelik*. A partir da década de 20, tem-se notícia, com mais frequência, da emergência de outras publicações. Porém, a característica mais marcante desses jornais é a descontinuidade e a curtíssima duração. Alguns deles tiveram duração maior, como foi o caso de *O Clarim d'Alvorada*, que surgiu em 1924, sob o nome de *O Clarim*, e se manteve na ativa até 1932, seguido de *Novo Horizonte* (1946-1961), *Progresso* (1928-1931) e *A Voz da Raça* (1933-1937). O jornal *O Clarim d'Alvorada* congregava um grupo de jovens negros que se destacou por suas propostas voltadas para o campo político-cultural. Esse grupo, liderado por Correia Leite, organizou a primeira versão desse periódico, em 1924, sob o nome de *O Clarim*. (SILVA, 2008, p.46)

Os periódicos da *Imprensa Negra* revelaram grandes talentos intelectuais e políticos como Abdias do Nascimento que conforme Maziero (2008), lutou contra a opressão sofrida

---

<sup>7</sup> Pesquisadora do Departamento de História UNESP.

pela população afro-descendente. Participou da Frente Negra Brasileira (1931) e fundou, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN)<sup>8</sup>. Em 1948, em conjunto com outros colaboradores, fundou o jornal *Quilombo*<sup>9</sup>. Em 1968, devido ao endurecimento do governo militar, Abdias exilou-se nos Estados Unidos, onde atuou como professor universitário. Após a volta do exílio, inseriu-se na vida política, tendo sido eleito deputado federal em 1983. Assumiu a cadeira no Senado<sup>10</sup>. Como deputado federal apresentou projeto de lei que previa a criação de uma cota de 20% para negros na seleção de candidatos ao serviço público, além de propor o estabelecimento do dia 20 de novembro (aniversário de morte de Zumbi) como o Dia Nacional da Consciência Negra.

Diante da escassez de publicações produzida por e para a comunidade negra brasileira, os impressos da *Imprensa Negra* tornaram-se fundamentais para a construção de um processo de autoafirmação da negritude de seus leitores, influenciando inclusive a criação da Frente Negra Brasileira (16 de setembro de 1931), órgão atuante e marco da consciência negra brasileira e, após, a Frente Negra Brasileira Socialista.

Por essas razões, considera-se que o material jornalístico da chamada *Imprensa Negra*, disponível no site do *Arquivo Público do Estado de São Paulo*<sup>11</sup>, na sessão *repositório digital*, possa configurar-se como instrumento pedagógico valioso e eficaz no trabalho escolar com o suporte jornal e seus respectivos gêneros, sobretudo nos últimos anos do ensino fundamental II, com a finalidade de promover uma mudança nas formulações sociais sobre o negro que se produzem no espaço escolar. Evidentemente a presente proposta não deve ser tomada como atividade pontual, isolada do projeto pedagógico, mas integrar-se a ele como uma das ações que o compõe.

### **Proposta pedagógica**

A atividade proposta deve ser considerada como atividade permanente, portanto deve ser recorrente e organizada por bimestre e dividida em quatro momentos.

#### ***1º Momento***

---

<sup>8</sup> Movimento cultural que permitiu o acesso dos negros à representação teatral - formando uma geração de atores e atrizes negros

<sup>9</sup> O periódico era utilizado para articular e divulgar a Convenção Nacional do Negro Brasileiro, além de ser apontado como o responsável pela formação de uma negritude brasileira e nacionalista.

<sup>10</sup> Foi suplente do senador Darcy Ribeiro, em dois períodos: 1991-1992 e 1997-99.

<sup>11</sup> [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital)

Por meio de aula expositiva sugere-se que sejam apresentadas noções gerais sobre a linguagem jornalísticas e seus respectivos gêneros textuais mais recorrentes com base nos estudos linguísticos dialógicos (BAKHTIN, 1997). Acredita-se que esta proposta será melhor utilizada no Ensino Fundamental II, devido a melhor capacidade de leitura e interpretação de textos.

A segunda aula, será feita por meio de uma exploração dos jornais atuais a nível local e nacional (*O Liberal, O Diário do Pará, O Estadão e O Globo*) solicitando aos alunos uma leitura de jornais geral de cada exemplar, investigando elementos como o expediente do jornal, os colunistas, a formação de cadernos, formatação, imagens, linguagem verbal e visual, intenções comunicativas, identificação de alguns gêneros textuais, dentre outros. Este momento será uma atividade prática da aula teórica anterior.

### **2º Momento**

Por meio de aula expositiva dialógica dividida, recomenda-se que sejam apresentadas algumas noções conceituais sobre discriminação racial e preconceito tendo como aportes teóricos centrais Guimarães (1997), Chartier (1991) e Gomes (2005).

A aula seguinte será utilizada para analisar diversas representações sociais do negro nos jornais atuais e também explicar como tais práticas discursivas são acionadas de forma positiva ou negativa.

### **3º Momento**

Distribuir-se-á material fotocopiado com os gêneros textuais jornalísticos de quatro jornais que compõem a chamada *Imprensa Negra* (*A Liberdade* (1919-1920), *O Clarim d'Alvorada* (1929-1940), *Chibata* (1932) e a *Alvorada* (1948)), informando do que se trata, apresentando as notícias principais, explicando a história e a importância de tal produção jornalística para a sociedade brasileira. Como tais materiais são extensos e ricos de informações, este momento será dividido em duas aulas, devendo ser promovido uma leitura atenta e analítica. Essas aulas terão como finalidades a percepção ao mesmo tempo de questões que dizem respeito à linguagem e aos discursos da época construídos por autores negros para a comunidade negra e para os leitores em geral e a comparação com os jornais atuais lidos anteriormente. É importante neste momento, conduzir os alunos à reflexão sobre outras representações e colaborações culturais de negros presentes nos gêneros textuais desses periódicos, percebendo como trabalhavam a positividade da imagem do negro, diferentemente dos jornais analisados anteriormente.

Fig. 1



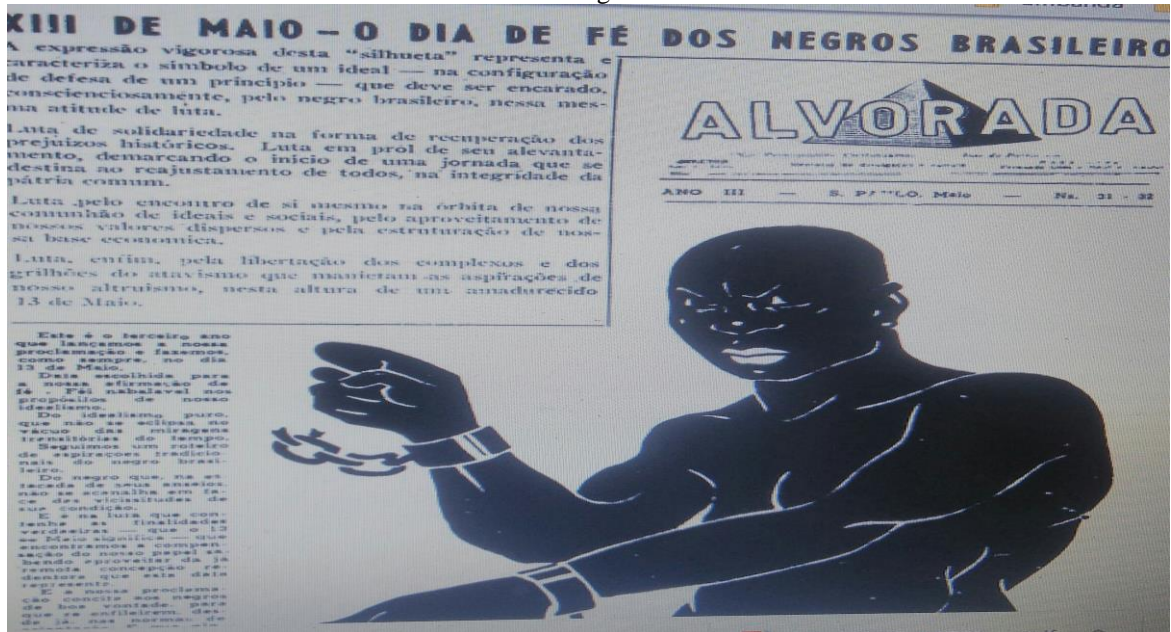
O jornal *Chibata* (1932). Catálogo da Imprensa Negra (1903-1963). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)

Fig. 2



O jornal *A Liberdade* (1920). Catálogo da Imprensa Negra (09/05/1920). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/LX19200509.pdf>

Fig. 3



O jornal *A Alvorada* (1920). Catálogo da Imprensa Negra (1948-1948). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/XV19480500.pdf>

Fig. 4



O jornal *O Clarim* (1924). Catálogo da Imprensa Negra (1903-1963). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: [http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/BR\\_APESP\\_IHGSP\\_CREA\\_19060525.pdf](http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/BR_APESP_IHGSP_CREA_19060525.pdf)

#### 4º Momento

O momento final da atividade deve constar de proposição de pesquisa e produção de gêneros textuais jornalísticos, sobre personalidades negras contemporâneas, nas diversas áreas

sociais, com a finalidade de compor um jornal mural para ocupar espaço de grande circulação da escola, intitulado *Jornal Brasil*, com novas representações positivas sobre o negro.

### **Resultados e discussões**

Foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre quais são os principais mecanismos utilizados dentro dos gêneros textuais capacitados para o ensino das questões etnicorraciais em sala de aula, trazendo a importância do suporte jornal como interação, formando alunos capazes de reconhecer e escrever textos voltados para a sua sociedade com pensamentos mais críticos, corroborando com as afirmações sobre o uso dos jornais, segundo Herr (2001) que aponta a formação de leitores capazes de dialogar com diferentes textos e a respectivos suportes textuais, produzido pelo aluno com o auxílio do professor, faz o aluno apropriar-se criticamente de diferentes modos de produção do discurso, contribuindo para que esses leitores se constituam também como autores.

Segundo a análise de textos estudados para esse projeto é perceptível que a construção da *Imprensa Negra* em sala de aula pode resultar o maior contato com a realidade cotidiana, diferente dos livros didáticos que registram os fatos históricos, mas de forma superficial ou até mesmo deturpadas, menosprezando os verdadeiros acontecimentos. É necessária a implantação de novos métodos de ensino capazes de envolver o aluno em sua verdade origem.

Herr (2001) considera que o uso do jornal paralelamente ao do livro didático em sala de aula é uma necessidade de se colocar para o aluno, já que os livros registram somente depois de um discurso de tempo.

Percebe-se que a publicação do jornal é uma ferramenta para a escola disseminar, no espaço da comunidade, os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Assim, o uso do jornal impresso na prática, contribuirá de forma positiva para a formação do aluno com um novo olhar sobre sua própria história. Ensinando assim o mesmo, a entender a importância de seus conhecimentos dentro da sociedade. Assim confirmado através da concepção de Santos e Pinto:

O jornal estudantil não é um fim em si mesmo, mas um dos meios possíveis para o desenvolvimento de uma dinâmica geral na escola. Os jornais, por sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, sendo um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade. (SANTOS e PINTO, 1992, p. 5)



As evidências neste trabalho indicam que o jornal preencherá essa lacuna de informações entre situação que o aluno vivencia (realidade factual) e o fato histórico que o livro relata. Esta proposta tem a intenção de ser colocada em prática para auxiliar o ensino não somente da Língua Portuguesa, mas também de valores etnicorraciais afim de prevenir futuros casos de preconceitos e racismos além de estimular novos cidadãos engajados na política, no esporte, na educação, nas artes ou na literatura.

### **Considerações finais**

A utilização do recurso jornal em sala de aula como recurso pedagógico, poderá contribuir de forma concreta na melhoria da leitura e escrita, a interpretação de assuntos tratados sob uma visão reflexiva. Reitera-se ainda a confirmação de que a sua prática dentro da sala de aula consegue desempenhar um papel relevante, quanto a novos conhecimentos quanto a direitos e deveres, erradicação da discriminação e do preconceito, além do estímulo à leitura e melhor escrita. A falta de hábito pela leitura e construção de textos sem objetivo, junto com a falta de um veículo de comunicação local para divulgar na escola, que envolvessem leituras interessantes e textos diversos produzidos pelos discentes, surgiu à preocupação e a necessidade de valorizar as produções escolares totalmente estruturadas como um Jornal, trabalhando suas particularidades com o intuito de desenvolver novas consciências, novos valores e reflexões sobre as diversas colaborações culturais de negros e mestiços presentes em nossa sociedade, percebendo toda a positividade da imagem do negro transportada para as páginas desse meio de comunicação tanto em forma de mural quanto impresso.

Todo o conceito estudado durante a pesquisa detecta a necessidade de criação de meios que favoreçam o estímulo desses alunos à criatividade e toda sua positividade na produção artigos de opinião sobre problemas da comunidade escolar e assuntos relevantes quanto à família, a discriminação, ao racismo. O trabalho com o jornal dentro dessa temática representa de certa forma o momento histórico-social e por isso, deverá ser estimulado em projetos de sala de aula, não se devendo fechar em opiniões, mas com a possibilidade de levar o aluno a reflexão e o questionamento.

Espera-se com esta proposta, desenvolver entre os alunos a melhora da leitura e da escrita no ensino da Língua Portuguesa, facilitando a interpretação de diversos textos e seus variados gêneros e também a valorização da reflexão e do senso crítico, focalizando

principalmente o estudo quanto a valorização da diversidade etnicorracial e toda sua positividade perante a sociedade. Reforçando essa ideia de valorização, os benefícios de sua utilização na escola são inúmeros, pois possibilitará a discussão de novos assuntos a serem abordados no jornal local que se encaixam nessa temática como o combate ao racismo e à discriminação. Outro benefício tão importante quanto a discussão de temas é o contato frequente com informações contextualizadas desta sociedade escolar comparadas as informações da época da *Imprensa Negra*, sendo percebidas as possíveis semelhanças e as diferenças da valorização do negro dentro da sociedade, deixando assim as aulas mais dinâmicas e relevantes para a formação crítica dos alunos.

### Referências

- ADAIR, Flavia. O jornal como instrumento pedagógico. Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula. *Comunicação & Educação*. SP: USP, jan/abr, 1995.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1999.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. *Educação, história e problemas: cor e preconceito em discussão*. Belo Horizonte: Mazza, 2012.
- CHARTIER, Roger. *Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In: \_\_\_\_\_. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.
- \_\_\_\_\_, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. Campinas: Unicamp, 11(5), p.173-191, 1991.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério & BASSO, Marjorie K. J. O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais. *Estudos em Comunicação*, n.2, p. 111-125. Dezembro de 2007.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no Jornal Diário*. 5 ed. São Paulo: 1991.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. *Como usar o jornal em sala de aula*. 10 ed. São Paulo. Contexto, 2003.
- FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.

- FREINET, Celéstin. *O jornal escolar*. Lisboa: Estampa 1977.
- GUIMARÃES, Antônio S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Tese. Universidade de São Paulo, 1997.
- HERR, Nicole. *Aprendendo a ler com o jornal*. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.
- KLEIMAN & CAVALCANTI (org.). *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- \_\_\_\_\_, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.) **Gêneros textuais reflexões e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- MAZIERO, E. K. D. *Imprensa negra – biografias*. Disponível em: [http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat\\_imprensa\\_negra/biografias/adbias\\_nascimento.html](http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/biografias/adbias_nascimento.html)  
Acesso em: 02 jul 2017.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- PAVANI, Cecília. (Org.) *Jornal: (in) formação e ação*. Campinas: Papyrus, 2002.
- \_\_\_\_\_, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. *Jornal: uma abertura para a educação*. Campinas, SP. Papyrus, 2007.
- PONTUAL, Joana Cavalcante. *O jornal como proposta pedagógica*. São Paulo: Paulus, 1999.
- SANTOS, Antônio & PINTO, Manuel. *O jornal escolar, porque e como fazê-lo*. Porto Edições Asa, 1992.
- SILVA, Zélia Lopes da. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo*. (1923-1938). São Paulo: Editora UNESP; Londrina: EDUEL, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_, M. *O social irradiado: violência urbana, negrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é um privilégio*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 250p.

Recebido em 23 de agosto de 2017.  
Aceito em 29 de setembro de 2017.